
ODAIR ZONTA
POR ELES,
POR
NÓS
A LINGUAGEM
DAS ESTRELAS



SOBRE O AUTOR

Odair Zonta, 51 anos, professor de educação especial, pai de criança autista, formado em Pedagogia, com especialização em Educação Especial, possui também pós-graduações em Neuropsicopedagogia, Psicopedagogia, ABA e Educação Musical.

Sua vivência pessoal como pai e sua experiência profissional se unem na missão de promover uma educação mais humana, acessível e respeitosa às diferenças. Neste livro, compartilha reflexões que nascem do coração, do cotidiano e do desejo profundo de fazer a diferença na vida de pessoas autistas e suas famílias.

Prefácio

Existe uma pergunta que muitos pais carregam em silêncio.

Uma pergunta que aparece nas madrugadas mais quietas:

Quem cuidará do meu filho quando eu não estiver mais aqui?

Para quem tem um filho autista, esse pensamento não é distante.

Ele surge no meio das rotinas, das preocupações e do amor diário.

Porque nossos filhos são mais do que filhos.

Eles são mundos inteiros que aprendemos a compreender com o tempo.

Este livro fala sobre empatia, descoberta e sobre aprender a enxergar o autismo além dos rótulos.

Ele nasce de uma inquietação profunda.

Enquanto estamos aqui, somos abrigo.

Somos a ponte entre eles e um mundo que muitas vezes ainda não sabe compreendê-los.

Mas o tempo nos faz pensar no depois.

Quem entenderá seus silêncios?

Quem aprenderá a olhar para eles com paciência e respeito?

Este livro nasce dessas perguntas e também da esperança.

A esperança de que nossas estrelas continuem brilhando, mesmo quando não estivermos mais aqui para apontar o céu.



ÍNDICE

UM CONVITE AO OLHAR COM MAIS ALMA

CAPÍTULO 1 – O QUE É O AUTISMO: ALÉM DO QUE OS OLHOS VEEM - PÁGINA 4

CAPÍTULO 2 – A NOVA ROTINA: ENTRE DESAFIOS E DESCOBERTAS - PÁGINA 7

CAPÍTULO 3 – INCLUSÃO ESCOLAR: MUITO ALÉM DA PRESENÇA - PÁGINA 10

CAPÍTULO 4 – FAMÍLIAS: ENTRE O INVISÍVEL E O INCANSÁVEL - PÁGINA 13

CAPÍTULO 5 – O OLHAR AUTISTA SOBRE O MUNDO: O SILÊNCIO QUE FALA - PÁGINA 16

CAPÍTULO 6 – ENTRE LUZES E SOMBRAS: O PERIGO DA ROMANTIZAÇÃO DO AUTISMO - PÁGINA 19

CAPÍTULO 7 – A INVISIBILIDADE DO AUTISTA ADULTO - PÁGINA 22

CAPÍTULO 8 – AS LEIS EXISTEM. O QUE FALTA É VONTADE DE CUMPRI-LAS - PÁGINA 25

CAPÍTULO 9 – E SE FOSSE VOCÊ? - PÁGINA 28

ENCERRAMENTO - PÁGINA 30



CAPÍTULO 1

O medo que muitos pais não dizem em voz alta.

Existe uma pergunta que mora no silêncio de muitas famílias que convivem com o autismo.

Uma pergunta que raramente é dita em voz alta, mas que visita o coração dos pais nas noites mais quietas: Quem cuidará do meu filho quando eu não estiver mais aqui?

Enquanto o mundo discute inclusão, terapias e direitos, muitos pais carregam um medo profundo que cresce com o passar dos anos.

O tempo não para, os filhos crescem e os pais também envelhecem.

Amar um filho é desejar protegê-lo para sempre.

Mas a vida lembra, silenciosamente, que ninguém permanece para sempre ao lado de quem ama.

É nesse momento que nasce um dos maiores medos de um pai ou de uma mãe: imaginar o futuro de quem depende tanto do seu cuidado.

O momento da descoberta é como atravessar um túnel escuro, onde não se vê o final.

O chão some, o ar parece faltar, e os pensamentos se atropelam em busca de respostas. Mas, aos poucos, os olhos se adaptam à penumbra.

E então, mesmo em meio à escuridão, surgem os primeiros contornos de um caminho possível. Um caminho que exige tempo, sensibilidade e coragem, mas que também revela uma beleza escondida nas pequenas coisas: num gesto, num olhar, num som repetido que ganha sentido quando interpretado com amor.

Descobrir o autismo em um filho, irmão, neto ou aluno é uma travessia silenciosa por um território novo. É como se a vida, de repente, redesenhasse as rotas conhecidas, nos conduzindo por trilhas jamais imaginadas.

Vêm a confusão, o medo, o luto por um futuro idealizado — aquele cheio de certezas e normalidades.

Mas, aos poucos, um novo horizonte começa a se abrir.

Incerto, sim. Porém cheio de possibilidades únicas.

Compreender o autismo é como aprender uma nova linguagem — não aquela construída com palavras, mas feita de olhares, silêncios, gestos sutis e pequenos sinais que só quem ama com profundidade consegue perceber.

No início, tudo parece confuso, distante, inacessível. Mas, aos poucos, a dor da incerteza vai cedendo espaço à beleza do singular.

Aquilo que antes parecia estranho começa a ganhar sentido, e o que era silêncio se revela cheio de significado.

A primeira vez que um autista nos olha nos olhos, mesmo que por segundos, transforma tudo.

Quando nos toca com confiança, é como se o tempo parasse. É um gesto simples, mas carregado de imensidão.

São momentos assim que revelam o valor de cada conquista, por menor que pareça.

Descobrir o autismo é um chamado a enxergar com mais profundidade, escutar além do som, sentir além do toque.

É um convite à empatia verdadeira, ao respeito pelos limites e ritmos de quem sente o mundo de outra forma. Esse caminho, que muitas vezes começa com dor, revela-se um mergulho no amor mais puro — aquele que não exige moldes, que aprende a esperar, acolher, adaptar-se.



CAPÍTULO 2

A NOVA ROTINA: ENTRE DESAFIOS E DESCOBERTAS

Quando o impacto inicial do diagnóstico começa a se dissipar, a vida exige que se continue — mas agora sob uma nova perspectiva.

Viver, nesse novo cenário, é reaprender tudo: desde o primeiro bom dia até a hora de dormir.

Cada gesto passa a exigir atenção, presença e sensibilidade. O cotidiano se transforma em um terreno de construção constante, onde o tempo deixa de ser medido por ponteiros e passa a ser contado por vínculos, avanços e tentativas.

Não existe fórmula mágica. Cada pessoa autista apresenta formas únicas de ser, sentir e perceber o mundo. Cabe a nós observar, respeitar e nos ajustar.

Às vezes, o que parece resistência é apenas uma reação a estímulos intensos demais. Aquilo que se interpreta como distanciamento pode ser, na verdade, uma forma de proteção. E muitos silêncios, longe de serem vazios, estão cheios de significado — basta termos paciência para compreender.

Nesse novo cotidiano, aprendemos o valor da escuta verdadeira — aquela que ultrapassa as palavras e se ancora na sensibilidade do olhar atento.

Descobrimos que um gesto aparentemente simples pode carregar um universo de significados. Um som emitido de forma diferente, um toque inesperado, um novo comportamento — tudo ganha brilho quando nasce da conexão.

Passamos a enxergar a beleza dos detalhes e a entender que cada avanço é fruto de um esforço imenso, tanto de quem vive o autismo quanto de quem caminha junto, com amor e presença.

Mas é preciso reconhecer: a caminhada, às vezes, pesa. Existem dias em que o cansaço vence, em que a paciência escapa pelos dedos, em que gostaríamos apenas de uma pausa.

Isso não é falta de amor — é humanidade. Amar também é saber cuidar de si, recuar quando necessário, respirar fundo para continuar.

E é justamente nessa rotina intensa que surgem milagres cotidianos: um som balbuciado com intenção, um olhar que se encontra com o nosso, um gesto de aproximação inesperado.

Instantes que parecem pequenos, mas acendem a alma. São esses momentos que nos lembram por que vale a pena — e que nos revelam, com ternura, o poder silencioso da conexão.

Aos poucos, aprendemos que cada dia é uma oportunidade para recomeçar. Compreendemos que a rigidez das regras sociais precisa ceder espaço à compreensão individual.

A repetição, por mais desafiadora que pareça, se mostra como uma linguagem de segurança. E os julgamentos alheios, embora machuquem, perdem força diante da convicção de que estamos fazendo o nosso melhor.

Nesse processo, nos reinventamos. Desconstruímos ideias pré-fabricadas sobre o que é ser "normal", sobre o que é sucesso, sobre o que é evolução.

Descobrimos que há um outro jeito de amar, mais atento, mais intuitivo, mais presente. Um amor que não busca controlar, mas acolher.

Com o tempo, a rotina que antes assustava passa a revelar surpresas. O que parecia um obstáculo transforma-se em aprendizagem.

Cada gesto se torna um convite para olhar o mundo com mais sensibilidade.

E percebemos que o cotidiano, embora desafiador, é também um espaço de descoberta, onde vínculos verdadeiros se constroem na base do respeito, da escuta e da presença real.



CAPÍTULO 3

INCLUSÃO ESCOLAR: MUITO ALÉM DA PRESENÇA

Falar de inclusão é fácil. Difícil mesmo é praticá-la com verdade, empatia e constância.

Em muitas escolas, a criança autista está presente fisicamente na sala de aula, mas ausente da experiência real de aprender, conviver e ser compreendida.

Estar em um espaço não significa, necessariamente, fazer parte dele. E é aí que mora a grande contradição do discurso inclusivo: confunde-se presença com pertencimento.

A verdadeira inclusão escolar não é enfeite de cartilha, tampouco uma estratégia para preencher requisitos legais. Ela é, acima de tudo, um compromisso ético e humano com o direito de cada criança de ser vista, ouvida e valorizada em sua singularidade.

Incluir é adaptar, sim — mas, mais do que isso, é aceitar, escutar, respeitar e acreditar de verdade.

Não basta colocar o aluno autista na sala regular e esperar que ele se encaixe num modelo feito para os outros. A escola precisa ser moldada também por ele.

É a escola que precisa se transformar. É o professor que precisa ser preparado, acolhido, orientado e apoiado, e não abandonado.

Porque não se trata apenas de conhecer métodos ou estratégias, mas de desenvolver uma nova forma de olhar o outro — uma forma mais sensível, mais aberta, mais paciente.

E essa transformação nem sempre vem de forma fácil. Muitas escolas ainda vivem presas a modelos engessados, onde a diversidade é vista como obstáculo e não como riqueza.

Há resistência. Há medo. Há despreparo. E, muitas vezes, há também solidão — da criança, que não se sente parte, e do professor, que na maioria das vezes ouve apenas um ‘’se vira’’.

Nesse cenário, os pais se tornam pontes, vozes de alerta, mãos estendidas. Mas também se cansam.

Sofrem ao ver o filho sendo ignorado, comparado, julgado. Muitos choram sozinhos após reuniões pedagógicas em que só se falou sobre o que a criança "não consegue", sem que ninguém enxergasse o quanto ela tenta.

Outros lutam diariamente para que as adaptações sejam feitas, para que o respeito mínimo seja garantido. E, mesmo assim, continuam sendo tratados como exagerados, como pais que “protegem demais as crianças mimadas”.

A inclusão verdadeira começa no olhar. Quando um educador consegue enxergar além do comportamento, além do diagnóstico, além das dificuldades aparentes, algo profundamente transformador acontece: ele passa a ensinar com o coração.

E, quando isso acontece, o aluno sente. Ele se acalma, se abre, floresce — não por mágica, mas porque foi visto em sua totalidade.

Colocar uma flor em um vaso não garante que ela vá florescer. É preciso mais do que presença física: é preciso luz, cuidado, atenção constante, acolhimento sincero.

Assim também é com a criança autista. Ela precisa de um ambiente que a reconheça, que respeite seu tempo, que valorize suas potencialidades dia após dia.

A escola é um dos espaços mais importantes da vida de uma criança. É onde ela aprende — ou não — a conviver, a respeitar, a desenvolver empatia. Quando a inclusão acontece de forma real, todos crescem: a criança autista, os colegas, os professores.

O ambiente se transforma e se enriquece.

A inclusão escolar não é um favor. É um direito. Mas também é um chamado. Um convite a rever práticas, desconstruir preconceitos e construir uma nova forma de ensinar.



CAPÍTULO 4

FAMÍLIAS: ENTRE O INVISÍVEL E O INCANSÁVEL

Viver o autismo dentro da família é como atravessar um rio todos os dias — sem saber ao certo como estará a correnteza.

Há manhãs calmas, em que tudo flui com leveza e esperança. Mas também há dias turbulentos, em que o esforço para manter-se de pé exige mais do que força física: exige coragem, fé e amor incondicional.

Para muitas famílias, o diagnóstico não é um ponto de chegada, mas o início de uma travessia intensa, por vezes silenciosa e solitária. Vem carregado de incertezas, olhares atravessados e perguntas que ninguém sabe responder.

Existe uma realidade que não aparece nos relatórios médicos nem nos encontros escolares.

É a que se revela no silêncio das casas, nos choros da madrugada, nas tentativas incansáveis de comunicação, nos momentos em que a palavra não vem, mas o amor grita.

É a realidade de pais e mães que se doam, diariamente, para manter o filho em equilíbrio.

Não é raro que essas famílias se sintam sozinhas, mesmo quando cercadas de pessoas. Porque o autismo ainda é, para muitos, um território desconhecido.

Ainda há quem julgue, quem ofereça conselhos vazios, quem sugira fórmulas mágicas como se tudo fosse uma questão de “educação” ou “falta de limites”.

Poucos realmente escutam. Poucos oferecem colo sem julgamento. Poucos percebem o quanto essas famílias são fortes por continuarem, dia após dia, mesmo quando tudo parece difícil demais.

Mas também é dentro dessas casas que se vive um amor raro, diferente, imenso. O primeiro olhar direto, a aceitação de um alimento novo, uma palavra dita depois de meses — tudo é vitória. Tudo é vida pulsando.

Essas famílias não são frágeis. São heroicas na essência.

Carregam dores que não contam, cicatrizes que não mostram, e ainda assim seguem com o coração aberto. Muitas vezes, elas se tornam especialistas por necessidade: aprendem sobre direitos, terapias, estratégias pedagógicas.

Tornam-se advogadas, educadoras, terapeutas, tudo ao mesmo tempo. Mas antes de tudo, são amor em forma de presença.

Cada membro da família também vive o autismo à sua maneira. Irmãos que amadurecem cedo. Avós que reaprendem a amar de um jeito novo.

Todos se veem atravessados por essa experiência transformadora. E, embora haja cansaço, há também aprendizado. Há crescimento. Há afeto profundo.

O que essas famílias mais desejam não é piedade. É respeito. É empatia verdadeira. É apoio real, que venha sem julgamentos, sem cobranças descabidas, sem olhares de pena.

Querem ser vistas não pela dificuldade, mas pela potência que carregam: a de amar alguém exatamente como ele é, todos os dias, sem reservas.

E assim seguem — firmes, ainda que com lágrimas nos olhos.

Presentes, mesmo quando o mundo vira as costas. Elas atravessam esse rio com coragem, dia após dia, acreditando que, do outro lado, há sempre uma nova possibilidade de florescer.

Porque amar alguém no espectro é, também, aprender a florescer em terrenos que poucos teriam coragem de pisar.



CAPÍTULO 5

O OLHAR AUTISTA SOBRE O MUNDO: O SILÊNCIO QUE FALA

Poucos se perguntam como o mundo é percebido por quem está no espectro.

Poucos têm a sensibilidade de escutar sem pressa, de observar sem julgar, de tentar entender um olhar que não se traduz nas mesmas palavras, mas carrega sentidos inteiros.

O mundo de uma pessoa autista não é um mundo menor — é apenas outro. Um universo cheio de cores que muitos não enxergam, de sons que passam despercebidos, de lógicas que parecem estranhas, mas fazem total sentido para quem sente diferente.

O olhar autista sobre o mundo é um olhar que capta detalhes invisíveis aos olhos apressados. É um olhar que não julga, mas observa com profundidade.

Que se encanta com o que parece banal e se assusta com o que, para muitos, é apenas cotidiano.

É um mundo onde a sensibilidade não é sinal de fraqueza, mas uma força silenciosa — que exige mais do que compreensão. Exige respeito verdadeiro.

Para muitos autistas, a comunicação não acontece com a mesma fluidez que a sociedade espera. Mas isso não significa ausência de pensamento, de sentimentos, de desejos.

Há quem se comunique com o corpo, com os olhos e com os gestos. Cada movimento, cada expressão, pode ser um grito por acolhimento ou uma declaração de conforto.

Imagine viver num mundo onde as luzes parecem ferir, os sons cortam como navalhas e os toques inesperados assustam como sustos profundos.

Agora imagine ter que explicar tudo isso enquanto todos te pedem para "agir normalmente". Esse é o cotidiano de muitas pessoas autistas: um esforço constante para se encaixar em moldes que foram feitos sem que sua realidade fosse considerada.

Mas há uma beleza imensa nesse outro jeito de ser. Um autista pode passar horas observando o movimento das folhas, porque ali existe um ritmo que acalma, que acolhe.

Pode amar profundamente um tema específico e mergulhar nele com uma intensidade que poucos compreendem.

Pode amar em silêncio, cuidar sem alarde, demonstrar afeto de maneiras que desafiam as expectativas, mas que são puras em sua essência.

E é justamente por não seguir o padrão que muitas pessoas autistas nos ensinam sobre o que é essencial. Elas nos lembram que o mundo não precisa ser sempre rápido, sempre barulhento, sempre igual.

Nos mostram que há outras formas de pensar, de sentir, de existir. Que há sabedorias escondidas naquilo que muitos chamam de “estranho”.

Muitas vezes, o que falta não é capacidade, mas espaço. Não é entendimento, mas paciência. Não é voz, mas alguém disposto a escutar com o coração.

O mundo precisa aprender a calar suas urgências para poder ouvir o que há de mais profundo no universo autista: uma sensibilidade rara, uma percepção singular, um afeto que floresce quando é acolhido, e não forçado.

O olhar autista sobre o mundo é um presente para quem tem a delicadeza de enxergar além do comportamento.

É uma janela para uma realidade onde a intensidade reina, onde a verdade é sentida no corpo, onde a sinceridade é lei.

Quando o mundo se permitir ver como o autista vê, talvez compreenda que não é ele quem está fora de lugar, mas nós que ainda não aprendemos a enxergar com a alma.

CAPÍTULO 6

ENTRE LUZES E SOMBRAS: O PERIGO DA ROMANTIZAÇÃO DO AUTISMO

Falar sobre autismo é também aprender a equilibrar luz e sombra. É reconhecer belezas, sem esconder as dores. É enxergar potencialidades, sem negar as dificuldades.

Há um risco crescente quando o discurso social e midiático começa a romantizar o autismo — como se todas as pessoas autistas fossem gênios incompreendidos, como se a condição fosse apenas uma “forma diferente de ser”, ignorando as batalhas silenciosas que tantas famílias enfrentam diariamente.

Sim, há beleza no autismo. Existem singularidades encantadoras, formas únicas de ver e sentir a vida. Mas reduzir essa vivência a frases feitas ou imagens inspiradoras pode ser injusto — até cruel.

Porque enquanto vídeos emocionantes circulam nas redes, há crianças que choram por horas sem conseguir se regular, adultos excluídos do trabalho, mães que não dormem há dias.

A romantização, embora bem-intencionada, apaga essas realidades e silencia quem mais precisa ser ouvido com verdade.

Muitos confundem aceitação com negação do sofrimento. Aceitar o autismo não é fingir que tudo está bem. É reconhecer, com coragem, que existem dias muito difíceis.

É dar nome ao cansaço, à frustração, ao medo do futuro. É dizer: “amo você exatamente como é, mas reconheço que você precisa de apoio, de compreensão, de políticas públicas que funcionem de verdade.”

Quando se romantiza, corre-se o risco de abandonar. Quando se pinta tudo com tons de arco-íris, esquece-se que por trás das cores há histórias de exclusão, de solidão, de preconceito.

A romantização muitas vezes é um modo inconsciente da sociedade se distanciar da responsabilidade. Se tudo é lindo, não é preciso mudar nada.

Se tudo é encantador, não há o que reivindicar. E isso silencia as vozes que mais precisam ser ouvidas.

A pessoa autista não precisa ser genial para ser valorizada.

Ela não precisa corresponder a estereótipos para ter seu lugar no mundo.

Seu valor está em sua existência. Em sua humanidade. Em sua presença.

É preciso entender que a luta das famílias não é por aplausos. É por dignidade. É por inclusão real. É por terapias acessíveis, escolas preparadas, profissionais empáticos.

É por um mundo que olhe nos olhos, e não para os rótulos. Um mundo que abrace sem tentar moldar, que compreenda sem exigir performance.

A romantização também machuca quem está no espectro. Porque cria expectativas irreais, padrões inalcançáveis. Porque transforma o autista em símbolo, mas esquece que ele é, antes de tudo, uma pessoa.

Com dias bons e ruins. Com limites e vontades. Com sentimentos que não cabem em legendas inspiradoras.

O autismo é uma condição complexa. Exige compreensão profunda, presença constante, amor que não idealiza.

O equilíbrio está em enxergar o todo — sem apagar a dor, mas também sem negar a beleza.

Romantizar é fechar os olhos para a realidade. Amar, de verdade, é olhar com os olhos abertos, coração sensível e mãos estendidas.

É reconhecer que a vida no espectro pode ser bela, sim — mas também difícil. Apenas a verdade.



CAPÍTULO 7

A INVISIBILIDADE DO AUTISTA ADULTO

Quando se fala em autismo, a imagem que geralmente vem à mente é a de uma criança — pequena, com dificuldades de fala ou comportamento.

Campanhas, diagnósticos, terapias, escolas adaptadas... tudo parece girar em torno da infância. Mas o tempo passa. Essas crianças crescem. E, muitas vezes, desaparecem dos olhos da sociedade.

O autista adulto existe. Está nas filas de emprego, nos corredores da universidade, nas redes sociais, ou no quarto escuro de casa. Está ali, tentando viver em um mundo que não foi feito para ele — sem acolhimento, sem políticas públicas suficientes, sem espaço real de pertencimento.

Muitos sequer têm diagnóstico. Foram chamados de “esquisitos”, “preguiçosos”, “difíceis” por toda a vida e aprenderam a mascarar a dor para sobreviver.

Há autistas adultos que nunca conseguiram um emprego. Outros que não conseguem manter uma rotina. E há aqueles que vivem no silêncio, lutando diariamente para apenas continuar.

Muitos autistas adultos vivem à margem. Alguns foram institucionalizados ao longo da vida, outros permanecem com os pais até a velhice, e muitos ficam desamparados quando seus cuidadores partem.

Poucos são vistos. Menos ainda são ouvidos. A exclusão começa sutil, quase imperceptível: na ausência de diagnóstico. E termina de maneira silenciosa, quando a sociedade conclui — sem dizer — que não há lugar para quem não se encaixa.

Os dados sobre adultos autistas ainda são escassos, os rostos desaparecem, como se, ao atingir a maioridade, a pessoa autista deixasse de existir para os sistemas sociais.

Mas o autismo não desaparece aos 18 anos. Ele acompanha a vida inteira. E com ele, seguem as dificuldades sensoriais, as barreiras de socialização, a rigidez de rotina, a ansiedade, a sobrecarga emocional.

As necessidades continuam. O direito ao apoio, ao respeito e à escuta permanece.
Enquanto o discurso público ainda infantiliza o autismo, adultos no espectro lutam silenciosamente para viver com dignidade.

Lutam para serem reconhecidos como sujeitos de direito — e não como fardos. Lutam por afeto sem julgamento, por autonomia sem invisibilidade, por existência plena. Porque existir, para muitos, ainda é uma forma diária de resistência.

Há autistas adultos que são artistas brilhantes, cientistas, escritores, professores.

Há outros que vivem com apoio integral, em casas adaptadas ou sob cuidados familiares.

Todos são autistas. Todos merecem ser vistos.

A invisibilidade do autista adulto é uma ferida aberta. E ignorá-la é uma forma de violência. Porque negar visibilidade é negar existência. É negar cuidado, dignidade, representatividade.

É tempo de mudar o foco. De enxergar para além da infância.

De pensar políticas públicas voltadas também à vida adulta, ao envelhecimento no espectro, ao acolhimento de quem nunca foi diagnosticado ou sempre foi silenciado.

É tempo de construir um mundo onde o autista adulto não precise gritar para ser percebido — onde sua existência seja reconhecida como legítima, necessária, inegociável.

Eles estão entre nós. Sempre estiveram.

E merecem, mais do que nunca, serem vistos com os olhos da empatia, do respeito e da justiça.



CAPÍTULO 8

AS LEIS EXISTEM. O QUE FALTA É VONTADE DE CUMPRI-LAS

O Brasil tem leis. Muitas leis. Tem a Constituição Federal, que fala sobre dignidade, igualdade, saúde, educação e inclusão.

Tem a Lei Berenice Piana (Lei nº 12.764/2012), que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e reconhece a pessoa com autismo como pessoa com deficiência para todos os efeitos legais.

Tem a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015). Tem a Lei Romeo Mion (Lei nº 13.977/2020). Tem a Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, além de diretrizes do SUS e normas do Ministério da Educação.

Está tudo escrito. Está tudo ali, no papel.

Mas a pergunta que insiste em doer é: de que adianta ter leis que não são cumpridas?

O direito ao diagnóstico precoce existe, mas há famílias que esperam anos por uma avaliação.

O direito ao profissional de apoio escolar, quando necessário, é garantido por lei.

O acesso prioritário, a inclusão escolar, o atendimento pelo SUS e políticas de capacitação dos profissionais da educação também estão previstos.

Mas e na prática? Alguns convênios negam cobertura, escolas se omitem e serviços públicos deixam famílias sem o atendimento necessário.

Esgotados, muitos pais recorrem à Justiça para garantir direitos que já deveriam ser respeitados.
O problema não é a ausência de leis.

É a ausência de compromisso. Falta fiscalização, formação, empatia e, sobretudo, humanidade.

Quando uma escola se diz inclusiva, mas isola a criança que mais precisa de acolhimento, há uma falha ética e legal.

Quando um jovem autista é rejeitado por estereótipos, a exclusão deixa de ser individual e se torna estrutural.

Quando um adulto não encontra suporte, o Estado falha.
As leis existem, sim. Mas, para muitas famílias, elas ainda parecem distantes da realidade. Porque, no cotidiano, quem tem direitos vive como se estivesse pedindo um favor. E isso revela que a inclusão ainda está longe de ser plenamente vivida.

É preciso falar disso com coragem. É preciso cobrar. Porque não há dignidade possível onde o direito vira privilégio.

E não há inclusão verdadeira onde a omissão é regra.

Cumprir a lei não é um gesto de bondade — é uma obrigação.

Respeitar os direitos das pessoas autistas não é favor — é justiça.

Que esse capítulo ecoe como um grito. Um basta à negligência disfarçada de burocracia. Um basta ao descaso mascarado de discurso.

Um basta à violência institucional que se alimenta do silêncio.

Porque leis existem, sim. Mas um país só é justo quando o papel se transforma em ação.

E quando quem mais precisa deixa de ser invisível, e passa a ser tratado como o que sempre foi: sujeito de direitos. Gente. Cidadão. Pessoa.

CAPÍTULO 9

E SE FOSSE VOCÊ?

E se, ao entrar em um ambiente, todas as luzes fossem fortes demais?

E se os sons que ninguém nota fossem como agulhas furando seus ouvidos?

E se cada toque, cada mudança de rotina, cada gesto inesperado fosse um vendaval dentro de você?

E se fosse você quem sentisse medo do mundo todos os dias, sem conseguir explicar o motivo?

E se sua forma de se comunicar não fosse compreendida — nem na infância, nem na vida adulta?

E se você chorasse, não por birra, mas por não conseguir expressar o que sente… e fosse julgado por isso?

E se fosse você que, na escola, ficasse sempre sozinho no recreio?

E se fosse você que ouvisse risadas… e não soubesse se eram para você ou de você?

E se fosse com você?

Você conseguiria suportar?

E se todo o esforço que faz para parecer “normal” deixasse você exausto por dentro?

E se fosse você o pai que ouve em silêncio quando dizem que seu filho é “mal-educado”?
Ou a mãe que vê as portas se fechando porque seu filho precisa de uma atenção diferente?

E se fosse você que passasse noites em claro, não por medo de monstros, mas por medo da vida?

E se fosse você que tivesse que implorar por um laudo? Por uma vaga? Por respeito?
E se o seu nome fosse esquecido nas listas, sua dor ignorada nos sistemas, sua existência tratada como um peso?

E se fosse você que, mesmo com um universo inteiro dentro de si, fosse visto apenas pelas suas “limitações”?

E se fosse você que tivesse tanto para oferecer, mas nunca fosse convidado a participar?

E se você tivesse um mundo próprio, sensível, intenso, poético... e ninguém se dispusesse a conhecê-lo?

E se, antes de agir, cada um perguntasse a si mesmo: e se fosse eu?

Talvez o mundo começasse a ser um lugar mais justo, mais paciente, mais humano.



Este livro não nasceu para explicar o autismo. Nasceu para olhar por dentro. Para dar voz ao que tantos sentem, mas não conseguem dizer. Para acolher as realidades invisíveis, os gritos silenciosos, os amores que não seguem manual.

Porque o autismo não é apenas uma linha de diagnóstico. Ele mora nos olhos de uma criança que chora por motivos que nem sempre são compreendidos. Está no menino que se balança, que se isola, que morde a mão.

Está na menina que grita, que foge, que bate quando está sobrecarregada e ninguém entende por quê. Está no adulto que cresceu ouvindo que era estranho, que não se encaixava, e aprendeu a sobreviver fingindo ser quem não é.

Amor é enxergar o que ninguém vê.
É entender que bater não é maldade, é desespero.
Que o silêncio não é desprezo, é proteção.
Que o grito não é afronta, é dor.
Em muitos casos, a criança que se agride está pedindo socorro.

Há pais e mães que todos os dias se ferem fisicamente — mas jamais desistem.
Que se despedem de si mesmos para renascer como lutadores.

Que trocam sonhos por terapias, viagens por consultas, descanso por vigilância.
E que, mesmo exaustos, seguem firmes.
Por amor. Só por amor.

O autismo não é um castigo. É um chamado.
Um chamado para sermos mais humanos.
Para não julgarmos o que não entendemos.
Para amarmos mesmo sem receber sorriso em troca.

Para compreendermos que a conexão pode vir num gesto pequeno — um toque, um olhar, uma aproximação tímida, uma palavra solta após anos de silêncio.

E quando esse momento chega — ah, quando ele chega — tudo faz sentido.

Porque o amor que nasce da luta é bruto, mas é puro.

É amor sem vaidade.

Apenas se vive. Intensamente.

Verdadeiramente. Humanamente.

Se este livro tocou você, abrace essa causa.
Não como moda. Não como pena.
Mas como um compromisso com o que temos de mais sagrado: a dignidade humana.

Porque o autismo não precisa de piedade.
Precisa de respeito.
De escuta.
De espaço.
De presença.

E de amor.
Sempre amor.

Ao meu filho **Lorenzo**, que empresta seu rosto a este livro.

Você é a inspiração de cada página deste livro. Enquanto houver vida em mim, continuarei lutando para que o mundo seja mais justo, mais humano e mais acolhedor para você e para todas as pessoas autistas.

Com todo o meu amor.
Seu pai.

Por você. Por eles. Por nós.



ODAIR ZONTA



POR ELES, POR NÓS

A LINGUAGEM
DAS ESTRELAS

Todos os direitos reservados.